

## **O COTIDIANO NA TELA DA TV: EMERGÊNCIA DO INSIGNIFICANTE NA ESFERA EDUCACIONAL**

**OLIVEIRA**, Eva A. de - CAJ/UFG

**GT:** Educação e Comunicação / n. 16

**Agência Financiadora:** Não contou com financiamento.

Este trabalho resulta da análise de um programa de TV. O recorte do tema se constituiu a partir de uma pesquisa exploratória em 02 escolas públicas de Jataí/GO, identificando o contato dos jovens com a mídia. O resultado sinaliza a preferência de audiência pelo folhetim *Malhação*, da TV Globo. Da constatação de uma média de 14,47 h semanais de audiência televisiva e supondo de que tal afeta de alguma forma o processo educativo extra-escolar, a pesquisa objetivou compreender a causa da frequência do programa preferido pela maioria, partindo da hipótese da presença dos elementos da cotidianidade do mundo jovem no programa aludido e que opera como atrativo principal. A conclusão identifica a utilização da *vida cotidiana* dos jovens, pela produção, como atrativo e como processo educativo. Assim, a emergência na sociedade da esfera do cotidiano e seu potencial de formação de processos sociais se confirmam. Por fim, indica novas frentes de pesquisa no contexto da cotidianidade da própria escola para identificar o processo de recepção das influências potenciais do folhetim.

**PALAVRAS-CHAVE:** folhetim televisivo; formação de processos sociais; cotidiano.

## O COTIDIANO NA TELA DA TV E A EMERGÊNCIA DO INSIGNIFICANTE NA ESFERA EDUCACIONAL

Profª M. Sc. Eva Aparecida de Oliveira, CAJ/UFG; evita@cultura.com.br

Freqüentemente percebem-se as lamentações dos docentes quanto à situação de crise existente no interior das relações de ensino-aprendizagem, sobretudo, a partir da segunda fase do ensino fundamental (a partir da 7ª série principalmente) e até o ensino médio. Entende-se ‘crise’, no contexto aqui referido, como um conjunto desregrado daquelas condições necessárias para o estabelecimento de uma aprendizagem dos conceitos e significados da realidade com método e disciplina intelectual. Heller (1992) diria que falta aquela intensidade de aplicação do pensamento e das habilidades requeridas pela esfera da ciência, sem o que, o comportamento difuso se caracteriza muito mais proximamente dos comportamentos típicos da esfera da cotidianidade.

Por outro lado, é comum, também a “análise”, a partir de observações não-formais feitas junto a professores e professoras, alunos dos cursos de licenciaturas, de que tal processo de desregramento da disciplina intelectual tenha origem nas causas que são exercidas sobre os jovens através da mídia, especialmente a televisiva, hoje quase presente na forma de uma *overdose* sobre todos os indivíduos humanos e desde os primeiros dias da sua existência.

Partindo do pressuposto, então, de que haja alguma relação entre a forma como se cria essa condição de indisposição para a disciplina intelectual e a influência causada pela mídia televisiva sobre esses jovens, houve a necessidade de se conhecer o contato desses jovens com a mídia televisiva. Sobre esse contato, necessitou saber: todos têm acesso à mídia? Quanto tempo ficam sob a influência da mídia televisiva? Quais programas mais assistem?

Na verdade, o questionário da pesquisa exploratória, aplicado junto a alunos dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio, contemplou, inicialmente, interesses mais genéricos, isto é, qual a relação dos alunos da escola estadual e federal com o cinema e o teatro; leitura de jornais, livros e revistas; qual característica de gosto musical; se usam computador e se têm acesso à Internet; e, por fim, o que acabou atraindo a atenção nesta pesquisa, o contato com a televisão e os programas favoritos.

Portanto, o questionário não objetivou explorar a visão dos estudantes adolescentes sobre determinado programa televisivo. O que se fez foi apenas conhecer suas preferências e atividades dentro de um processo mais amplo de suas relações com a escola, o lazer, o trabalho, a mídia, a chamada “cultura erudita” e o tempo que esses adolescentes utilizam nessas relações.

Os resultados do questionário indicaram a frequência maior de um ou dois programas televisivos, o que induziu a querer compreender as razões da audiência da maioria ao programa de gênero folhetinesco “Malhação”, da Rede Globo de Televisão.

Dessa forma, ao invés de pensar sobre a influência da mídia televisiva no processo de indisciplina intelectual, a questão que se apresentou mais fortemente foi a seguinte: *o que pode haver no programa escolhido pela maioria, que tanto atrai os jovens pesquisados? Quais características deste programa atendem a preferência e necessidades dos jovens adolescentes? Como estas características são buscadas no processo social de elaboração cultural do adolescente espectador?*

Diante disso, se partiu da hipótese de que a maioria dos estudantes questionados identifica-se com o programa de televisão “Malhação” por apresentar em sua dinâmica as características e elementos da esfera da cotidianidade, especificamente o cotidiano da escola, que predomina na vida de grande parte dos adolescentes brasileiros, mesmo sendo de classes sociais diferenciadas. Tal hipótese parece razoável se compararmos o programa com a programação das demais emissoras de canal aberto: Rede TV – hora da verdade (17h30m) (problemas de relacionamento); SBT – Casos da Vida Real (17h30m); Rede Record – Cidade Alerta (17h40m); BAND – A Batalha dos Planetas (17h30m) – desenho. O que se percebe nos horários equivalentes ao do de malhação, na maioria, são programas que abordam temas apelativos no mais baixo estilo da exploração dos sentimentos e dramas familiares e sociais reais de pessoas, em geral, de classes sociais desfavorecidas. Além disso, outra temática é o drama da violência urbana e a saga de perseguição policial ao crime e, por último, uma temática de caráter mais infantil (embora não exclusivamente), na emissora que apresenta o desenho animado.

Todavia, considerou-se importante, levantar uma outra hipótese: a frequência preferencial do programa “Malhação” em sua forma e conteúdo não podem ser considerados como causas primeiras do bom índice de audiência, pelo fato de que são somente assistidos nesta forma e conteúdo porque correspondem (em sua formulação) às expectativas dos seus assistentes, uma vez que se considera que a emissora parte da lógica do lucro e, para isso, busca atender a necessidade e a preferência da audiência.

Nesse caso, a audiência em questão é o adolescente que, por sua vez, tem como uma de suas necessidades básicas o estudo escolar, a compreensão dos valores da sociedade<sup>1</sup> e, principalmente, o interesse pelas questões emotivas ligadas às questões vividas nesta fase de desenvolvimento humano, como o namoro, a sexualidade, etc., que geralmente ocorrem num dos principais locais de socialização do adolescente, a escola.

Este estudo buscou compreender como a captação do interesse do público pode ser alcançada facilmente através da veiculação de instrumentos dirigidos ao próprio público assistente, com instrumentos de pesquisa via Internet, utilizando o formato de enquetes.

Este estudo discute, a partir de uma reflexão feita de estudos teóricos sobre a configuração da cultura e a reestruturação das esferas heterogêneas da sociedade, a emergência da esfera do cotidiano, através da teoria da recepção, já que as mídias são elementos centrais em qualquer reflexão que se queira fazer sobre a sociedade hodierna.

A questão da teoria em Gramsci, a teoria social de Agnes Heller e a teoria da recepção de Martin-Barbero oferecem os fundamentos de um enfoque teórico-metodológico de perspectiva crítica necessários à compreensão da formação dos processos sociais, já que o problema de estudo é visto sob a ótica do movimento social de elaboração da cultura ocorrido no cotidiano do espectador adolescente e estudante.

Procurando abordar a evolução das discussões sobre cultura, vê-se como se insere o conceito de cultura de massa, sobretudo no século XX. Em outras palavras, como a sociedade se desenvolve, de tal maneira a desenvolver novos artefatos tecnológicos que contribuem na constituição das novas condições para o devir da cultura. Neste caso em questão, a atenção será dada ao desenvolvimento das tecnologias comunicacionais. Outrossim, vale atentar para o fato de que essas tecnologias comunicacionais podem ser tomadas a um só modo enquanto produtos e constituidoras de cultura.

Martin-Barbero, enquanto referencial teórico de pesquisa sobre a inserção dos meios de comunicação no movimento social de elaboração da cultura, principalmente da análise da condição do telespectador, proporcionará as noções da teoria da recepção.

Isto posto, ter-se-á feita a descrição do universo em que se insere a pesquisa – campo da cultura, enquanto esfera da sociedade – e a especificação do que se vai discutir nessa esfera – a mídia televisiva e o paralelismo estabelecido ao lado da

---

<sup>1</sup> A necessidade de educação escolar e de valores básicos pelo adolescente, geralmente é criada pela sociedade em que vive, pelos pais, pela família, amigos, etc., de forma impositiva.

dinâmica de uma sociedade que revela uma reestruturação em que emerge para a superfície a esfera da cotidianidade.

Com o intuito de discutir os conceitos fundamentais que Heller oferece para a compreensão da estrutura social, verificar-se-á como entende a relação entre estrutura econômica e superestrutura a partir das categorias conceituais, que, na verdade, não são apenas categorias epistemológicas, mas mesmo, também, ontológico-sociais, quais sejam, as esferas heterogêneas da sociedade, isto é, a produção, as relações de propriedade, a estrutura política, a vida cotidiana, a moral, a ciência, a arte, etc.

Outra característica é a caracterização da estrutura dos formatos dos programas televisivos, partindo da idéia inicial de que são produtos mercadológicos. Posteriormente, a caracterização dos programas em gêneros, identificando as especificidades dos gêneros enquanto produtos e, por último, os gêneros enquanto categorias e suas relações com a audiência. Destacar-se-á o gênero folhetinesco, porque adequado à análise do objeto de estudo.

A esfera educacional é pensada enquanto prática social de onde se querem identificar as interfaces do campo comunicacional com a esfera da educação, orientando-se pelos conceitos de Libâneo (1999), Braga e Calazans (2001). O objetivo da abordagem se dá porque este trabalho é feito a partir da interface entre dois campos – a educação e a comunicação. A escolha da interface se explica pela exploração no programa “Malhação”, no âmbito de sua produção, do cotidiano do universo escolar dos adolescentes.

A análise desse programa televisivo resulta na identificação de aspectos da emergência da esfera da cotidianidade e como isso põe uma nova “circunstância” de causalidades para orientar as teleologias individuais, no sentido aludido por Heller. De forma paralela, verifica-se como o cotidiano escolar dos estudantes adolescentes é aproveitado como meio de veicular processos de aprendizagens, *merchandising* social e comercial, capazes de conquistar a audiência do público adolescente.

**Análise de um programa folhetinesco de televisão: a mídia como produto realimentado e realimentador da esfera do cotidiano** - A pesquisa foi feita com jovens adolescentes entre 14 e 20 anos, de ambos os sexos e que estão cursando o ensino fundamental e médio em escolas públicas, totalizando 152 alunos.

A pesquisa foi feita por meio da aplicação de um questionário que teve em sua estrutura o interesse de identificar, entre outras características pessoais e econômico-

sociais, o contato dos jovens com as novas tecnologias de informação e comunicação e, o contato com o mundo da cultura: leitura de livros, cinema, teatro, etc. O questionário foi aplicado no final de junho de 2002, em horário de aula.

Quanto à presença de utensílios domésticos, mais especificamente, tecnologias de informação e comunicação (TIC) ou, aparelhos eletrônicos com interfaces de uso mais sofisticadas, obteve-se o resultado: disparadamente 90,79% dos alunos têm TV; 77,63% têm rádio; 74,34% têm aparelho de som; 50% têm vídeo-cassete; 37,5% têm videogame; 27,63% têm computador.

Quanto às informações relativas ao universo cultural, o questionário abordou: o contato dos jovens com cinema; conhecimento e prática de algum instrumento musical; frequência a teatros; leitura de livros extra-escolares; leitura de jornais e/ou revistas; gosto por ouvir música e qual o gênero; audiência televisiva e qual preferência de programação.

Dentre vários resultados, o que mais tem impressionado a partir da aplicação desse questionário, é o tempo médio de audiência televisiva semanal dos jovens. Na *Escola A*, ou seja, os alunos do ensino médio assistem a uma média de 19,55 horas semanais de televisão. Já na *Escola B*, isto é, alunos que estudam na segunda fase do ensino fundamental noturno, essa média é de 9,39 horas semanais. Entende-se que a média menor de televisão dos alunos da *Escola B* é em razão de que a maioria dos alunos estudam à noite por que trabalham durante o dia. Assim, sobraria menos tempo para assistir televisão.

Com isso, obteve-se um universo de pesquisa relativamente heterogêneo, mas que, no entanto, permite identificar traços comuns que podem ser indicativos dos elementos que atuam como condicionantes do novo arranjo estrutural da sociedade pelo qual tende a viabilizar-se a reprodução da cultura hegemônica entre os jovens adolescentes, numa perspectiva de reestruturação das várias esferas sociais, em que emerge a esfera da cotidianidade.

O resultado da pesquisa indica que, apesar das diferenças, existem gostos comuns à grande maioria dos adolescentes das duas escolas: possuem aparelho de televisão em casa; têm praticamente as mesmas preferências pelos gêneros musicais; gostam praticamente dos mesmos programas de televisão, assim como também não gostam dos mesmos programas de televisão.

Diante desses dados, opta-se pela análise do gosto dos jovens pela mídia televisiva, acompanhado do programa de televisão indicado como o mais preferido.

Além do que, a televisão é a única TIC a que, senão todos, a grande maioria dos jovens pesquisados tem acesso<sup>2</sup>. Não obstante, esta pesquisa poderia ter pesquisado outras TIC, fosse o caso de o resultado da pesquisa indicar outro tipo de gosto preferencial dos alunos.

Assim, 90,79%, ou seja, 138 dos 152 jovens-adolescentes pesquisados possuem TV em casa e passam uma média de 14,47 horas semanais assistindo televisão. Percebe-se que, como a escola e o trabalho, a televisão tem presença marcante no cotidiano desses jovens.

O programa folhetinesco “Malhação”, da Rede Globo de Televisão tem a preferência, pois foi o mais citado entre todos. Nesse sentido, opta-se pela análise do Folhetim “Malhação”, já que ele está no ar num horário que é comum ao conjunto dos alunos e alunas pesquisadas; tanto para os que estudam à noite e trabalham durante o dia, quanto para os que estudam no período matutino e trabalham nos turnos vespertino e/ou noturno. Todos eles têm condições de assistir ao programa “Malhação”, que é veiculado no horário das 17:30 h às 18:00 h, horário em que se chega do trabalho e/ou da escola.

Então, a partir desse resultado tem-se um objeto para ser estudado, conforme os objetivos propostos pela pesquisa, inicialmente. Daí foi possível fazer o seguinte questionamento: o que tem nesse programa, tanto em termos de conteúdo, quanto em relação ao seu formato, que seduz um grupo de espectadores heterogêneo<sup>3</sup> e em situações de vida diferentes e, que mantém uma boa audiência estando no ar há quase oito anos?

Para este problema adotou-se a hipótese de que a programação do folhetim Malhação assume características que indicam a emergência da esfera do cotidiano, enquanto nova esfera condicionante da vida do “homem inteiro”, no sentido de Heller. No programa em questão, não estão presentes apenas os elementos de qualquer cotidianidade, mas, especificamente, a cotidianidade da vida de adolescentes e jovens num ambiente vinculado ao espaço da escola, o que, por si só, já é um indicativo do que

---

2 Pode-se mesmo afirmar que a TV é a tecnologia praticamente universal entre a população urbana. Mesmo apenas 9,22% (138) alunos dos 152 terem dito que têm televisão em casa, isso não implica afirmar que os que não possuem aparelho, não tenham necessariamente acesso à sua programação.

3 Compreende-se a heterogeneidade apontada aqui pelo fato de se tratarem de alunos de classes sociais diferenciadas; alunos de escolas em que em uma delas (escola A), existe um critério de entrada rigoroso, sendo que na outra (escola B), não existem critérios, a não ser o limite de vagas, o que certamente implica num nível diferenciado de capital cultural; por fim, a defasagem idade/série, onde os alunos das duas escolas têm idade aproximada, no entanto, enquanto os alunos da escola B cursam a segunda fase do ensino fundamental, os alunos da escola A, cursam o ensino médio.

marca a vida cotidiana desses jovens.

Para fazer o estudo pretendido, o programa foi assistido (acompanhado de anotações) por um período de nove meses aproximadamente (novembro/2002 a julho/2003), além de ser gravado em fitas de videocassete no período semanal de 07/07/2003 a 11/07/2003.

Em seguida, far-se-á uma rápida caracterização do programa “Malhação”.

**Programa “Malhação” - gênero televisivo folhetinesco** - No aspecto referente aos formatos das produções, o programa “Malhação” da Rede Globo é apresentado pela emissora como uma novela, mas é enquadrada na proposta de classificação, discutida neste estudo, como um programa de *ficção*, em formato de *série* ou *folhetim*. “Malhação” trata dos conflitos e vivências de uma turma de adolescentes que frequenta a mesma escola (antes academia de ginástica, conforme pode ser visto logo abaixo). O programa é exibido de segunda à sexta-feira, das 17:30 h às 18:00 h, com duração de 30 minutos.

Conforme a classificação seguida neste estudo, ele não se enquadra no formato de telenovela<sup>4</sup> porque excede os 150 capítulos regulares; tem conflitos que duram em média duas semanas, permanecendo constantes os conflitos e tramas maiores; o elenco muda de acordo com a saída de alguns atores e atrizes (inclusive os integrantes das tramas centrais), o que seria impensável em uma telenovela<sup>5</sup>, em que a trama gira em torno dos personagens principais, permanecendo esses do início ao fim.

Malhação apresenta, de acordo com a classificação proposta, o formato de uma *série* ou *folhetim*, pela veiculação ilimitada dos episódios, a possibilidade de alternância

---

4 A telenovela poderia constituir-se como gênero. Entretanto, restam dúvidas se isto se aplica aos demais formatos dos programas televisivos. O público assiste a um filme pela produção e características específicas deste formato, ou vai apenas assistir a um programa de ficção, de um determinado gênero (suspense, comédia etc.), sendo a forma deste programa apenas um adereço secundário? Este questionamento se estende aos demais formatos. A questão é se a interferência dos formatos na concepção, produção e recepção dos programas são fortes o suficiente para que o estabeleça como constituidor de gêneros diferenciados (Cf. Martin-Barbero, 2001).

5 A telenovela possui características tão definidas que pode constituir um gênero. Existe um padrão básico na produção de uma telenovela que não difere muito entre uma ou outra, entre diferentes países. As produções mexicanas seguem um padrão estético mais popularesco, abordando temas mais simples, e não variam muito da trama em que a moça pobre e/ou injustiçada, após muito sofrer, alcança a felicidade e o amor merecidos. As produções brasileiras, por exemplo, embora exista uma tendência atual à ‘mexicanização’, pela importação de programas do México e pela incorporação de sua estética, primam por um texto e um cenário mais elaborados, temáticas mais próximas da vida real (embora isto não signifique que sejam realistas), um quadro mais rico de personagens e histórias secundárias na trama principal. (...) Cada capítulo de qualquer telenovela culmina em uma cena decisiva, que define ou provoca um conflito, quando, então, entram as propagandas, e o telespectador terá que esperar até o próximo capítulo (Cf. Martin-Barbero, 2001).

de personagens e a resolução dos pequenos conflitos, permanecendo em evolução os principais.

**Mudança de cenário e não de formato - “Malhação” sai da academia de ginástica e vai para a escola** - O folhetim Malhação, depois das férias, reestreiou em 30/03/1998, adotando o estilo dos quadrinhos e ganhando um novo cenário e um novo elenco. O programa é uma mistura de novela com seriado. Em seu quarto ano, a trama não ficou mais restrita à academia de ginástica. No folhetim, ação e música deram mais suporte às tramas ambientadas em praias, barcos e restaurantes ao ar livre.

Misturando ficção e realidade, grandes atores, músicos e desportistas foram atração à parte, no primeiro semestre de 1998. Inicialmente os diretores do programa proclamavam que a narrativa seria rápida, como “Armação Ilimitada” (1987). Os cortes lembram a linguagem dos quadrinhos, com divisão de telas e efeitos eletrônicos. Vinhetas filmadas marcaram as passagens de tempo. "Não é sofisticação, mas um novo método de trabalho", dizia Coqueiro<sup>6</sup>.

O novo programa “Malhação”, a partir de 1998, passou a ter dezoito personagens fixos. Uma das características do programa “Malhação” em seu novo cenário, é a atualização freqüente dos temas tratados no programa para manter a constante audiência do programa.

Depois de oito anos no ar, o folhetim "Malhação" tenta manter-se atualizado em relação às temáticas tratadas. Tanto que não deixaram passar em branco a febre de *reality shows* que invadiu a TV brasileira. Quando Afonso, diretor da Escola Múltipla Escolha, resolveu encher o colégio de câmeras de segurança, e acende o debate em torno da invasão de privacidade. Aborda-se a onda de violência que faz aumentar cada vez mais o número de câmeras em lojas, shoppings, ônibus e ruas, acompanhadas dos insuportáveis avisos de "sorria, você está sendo filmado". Os alunos protestam e questionam a legalidade de tal ato, exigindo a retirada das câmeras. A trama abre espaço ainda para a discussão a respeito da exploração comercial da intimidade alheia, com base na curiosidade dos "bisbilhoteiros de plantão", quando um personagem do programa comercializa as fitas clandestinas com imagens editadas dos alunos.

---

<sup>6</sup> Essas informações foram colhidas em fragmentos de jornais e revistas publicados nos sites da Globo.com, [www.malhacao.globo.br](http://www.malhacao.globo.br), [www.malhacaome.ig.hpg.com.br](http://www.malhacaome.ig.hpg.com.br). Esses fragmentos são principalmente entrevistas concedidas, por membros da produção do programa ao Jornal “O Estado de São Paulo”, durante o ano de 1998, além de inúmeros sites existentes de fãs-clubes do programa Malhação na Internet.

Na verdade, o que fica claro é a captação, pela produção do programa, das idéias “da hora” que estão correndo nos bate-papos entre os jovens-adolescentes, especialmente na escola, para manter o interesse dos mesmos pela trama. Estratégia, aliás, que vem dando excelentes resultados, ao lado da renovação periódica do elenco e dos temas centrais da novela, no ar desde abril de 1995.

Em abril do ano de 2002, a autora Andréa Maltarolli incluiu na trama um novo casal de protagonistas. Vividos pelos atores Juliana Silveira e Henri Castelli, Júlia e Pedro vivem um romance "à la" Romeu e Julieta.

Apesar das constantes renovações feitas anualmente, a fórmula de "Malhação" continua inalterada desde sua estréia, há oito anos. Apostando numa fatia da audiência que tem poucas opções na TV brasileira, o folhetim conquistou espaço ao mesclar vernizes de polêmica com clichês sobre o universo adolescente. Um bom exemplo é ‘Cabeção’ (Sérgio Hondjakoff). O personagem que provocou o debate em torno da masturbação, é o estereótipo do típico adolescente com os hormônios à flor da pele. Folheia revistas de mulheres nuas, fala de sexo o tempo todo e tem sonhos eróticos com sua bela professora.

**Aspectos do cotidiano presentes no folhetim “malhação”** - Na escola de “Malhação”, o que se vê são salas pequenas, com um número de alunos que demonstra estar cheia e, onde o professor só tem à frente o quadro negro e alguns corredores para se locomover.

Os professores usam instrumentos tecnológicos tradicionais, como o quadro-giz. Não utilizam instrumentos como o *data show*, computador, nem internet e televisão. O que já observou foi o uso de projetor de imagens, do retroprojetor e de cartazes. Os professores dão aulas expositivas e enchem o quadro de informações.

As cenas em sala de aula enfocam os alunos virando para trás para conversar com colegas, mostrando um professor aos fundos da cena, que apenas gesticula, quase mudo. O momento de aula dá importância para a conversa singular e particular de intrigas pessoais, amorosas ou não, dos alunos que criam um sentido novo para o contexto, enquanto a fala do professor ecoa no vazio, sem interlocutor.

Pode ser destacado, ainda, um processo ensino-aprendizagem focado no professor, na medida que aparenta mero repassador de saberes prontos. O que acontece, no máximo, são lampejos de interconexão dos conteúdos discutidos com temas do cotidiano, mostrados pela própria mídia, como a questão do tratado de Kioto, em que os

Estados Unidos se negam a assinar tratado de diminuição de emissão de poluentes.

O sino toca, com tom sonoro bem comum ao das escolas públicas. Oba! É alegria só! Gente correndo e “dando graças a Deus” pelo fim da aula, assim como também reclamam com murmúrios ao toque de início das aulas.

A tônica é uma aula sempre distante dos pensamentos dos alunos, que estão mais preocupados, como já dito, com as relações amorosas entre os colegas e as intrigas e estratégias de conquista que tais relações ensejam.

O elenco mostra a aparência de jovens bonitos e enérgicos. Não há exageros de tipos que choquem o telespectador com certos estereótipos comuns na sociedade como pessoas obesas, com estaturas excessivamente desproporcionais ou vestimentas que destoem de um estilo *fashion* de vestir. Percebe-se um certo cuidado para não sobrecarregar certa tonalidade de cor numa mesma tomada de cena.

O *merchandising* comercial também está presente. E aqui, sobretudo, com a divulgação de produtos e serviços que geralmente estão vinculados ao estilo de vida de uma pessoa que é dinâmica, está preocupada com a aparência física e produtos e serviços de consumo vinculados a jovens em idade escolar. Aparecem as marcas de shampoo, do filme e máquina fotográfica, do macarrão cozido no copo, do celular que todo aluno tem, da mochila mais *fashion*, do creme, do sabonete. Preocupações com temas relacionados ao mundo do estudante em véspera de faculdade como o ENEM, a política governamental. Os produtos e serviços de consumo como a moda, o refrigerante, a Internet com páginas que oferecem novidades em serviços, etc.

Além desse *merchandising* comercial, pode ser identificado também um *merchandising* social. Ou seja, na medida que as novelas brasileiras e, sobretudo, o folhetim Malhação, adotam um discurso politicamente correto, abordando diversas temáticas como alcoolismo, a AIDS, as drogas, meninos de rua, portadores de deficiência física etc. Neste sentido, o cenário de Malhação quando muda da Academia para a Escola, se presta bem favoravelmente as estas discussões, pode-se dizer, mais sérias.

De acordo com informações adquiridas em vários *sites* da *internet* sobre o folhetim “Malhação”, foi possível verificar que o programa, em 2002, teve 1.138 ações de *merchandising* social em suas histórias: 244 sobre drogas; 116 sobre sexualidade; 567 sobre causas sociais. Nestes mesmos *sites*, um dos diretores (Luís Erlanger) do programa diz que, Malhação é a campeã absoluta. Em suas palavras, afirma: “ganhamos prêmios, fazemos nossa parte e ainda ensinamos como se faz isso no exterior”.

Esta proposta acaba se estabelecendo, pois o programa consegue captar a vida cotidiana do adolescente jovem. A partir da reflexão de Lefebvre (Apud NETTO e CARVALHO, 2000, p. 21), percebe-se que a produção do programa consegue trabalhar com o dado sensível e prático, o vivido, a subjetividade fugitiva, as emoções, os afetos, os hábitos e os comportamentos. O dado abstrato da vida cotidiana, as representações e imagens – que são parte do real cotidiano –, é trabalhado sem se perder no imaginário.

### **Considerações finais**

Este estudo pretendeu refletir sobre as estruturas da esfera do cotidiano presentes no formato do folhetim televisivo e que certamente pode, em muito, modificar o comportamento das audiências.

Esse trabalho levanta numerosas questões que necessitam da continuidade de pesquisas, tanto no que se refere à produção quanto à recepção, exigindo do pesquisador uma nova postura que o leve a refletir sobre a importância do global e do local dentro do novo cenário, o que o impede de recuar diante do desafio de encarar também as relações entre o micro e o macro contextos. Entende-se que tal é premente para enfrentar a problemática que inspira a reflexão sobre a produção social do sentido, preocupação básica de qualquer investigação hodierna, que quer pensar os sistemas e processos de comunicação e educação à luz de uma teoria social, a qual dê conta das imbricadas relações entre micro e macro social, entre estruturas e agentes, entre campos de produção cultural e práticas cotidianas, dentre outras questões que emergem disso. Será preciso dar continuidade a este estudo no nível dos receptores, que certamente dará ênfase à questão das identidades sócio-culturais e de suas práticas cotidianas.

A produção televisiva busca a etnografia, produz e tem dados sobre o cotidiano e as relações sociais e familiares que revelam as práticas culturais e os usos dos meios de comunicação, a qual conecta a cultura global com a local. Faz-se urgente conhecer e descrever como as identidades étnica e regional se constroem e se transformam de uma geração para a outra, sob a influência ou não dos meios de comunicação presentes em cada época. Também interessa conhecer como a instituição familiar contribui para a formação das audiências televisivas no que diz respeito à formação do gosto por gêneros e tipos de programas, tipo de relação com o meio, definição de papéis na estruturação do conhecimento, opiniões, visões de mundo etc.

Baseando-se em outra reflexão de Lefebvre (apud NETTO e CARVALHO, 2000, p. 22), percebe-se que o programa Malhação vem explorar bem as possibilidades

que a vida cotidiana tem de condicionar as transformações ocorridas na sociedade atual.

A vida cotidiana tem se insinuado como um dos centros motores das atuais possibilidades de transformação da sociedade. A raiz desta intuição está no fato de que não são as relações de produção, mas sim as relações sociais de dominação e poder que têm sua primazia na modernidade. Sendo assim, um dos focos estratégicos da práxis revolucionária terá que ser o cotidiano vivido pelas classes e grupos sociais oprimidos.

No caso, o programa folhetinesco em questão se torna uma instituição formadora e atuante na prática educativa de processos educacionais formais e informais. Vê-se a alta capacidade interdisciplinar de um programa de TV, com todas as características folhetinescas próprias para o entendimento fácil da população, especificamente dos adolescentes jovens.

O folhetim malhação da Rede Globo de Televisão se torna único no mundo, direcionado para clientela de adolescentes jovens e que permanece há dez anos no ar, com bom índice de telespectador. Isso vai acontecendo na medida que os seus produtores mostram no seu conteúdo cada vez mais a vida cotidiana da maioria dos adolescentes e jovens no Brasil, especialmente quando promove uma certa “interatividade” com os seus telespectadores. Esse processo facilita a identificação e o reconhecimento de suas realidades e, também, dos seus sonhos e fantasias. Aí então, o programa se torna um espaço poderoso para inserir os merchandising comerciais e sociais.

Nesse aspecto o folhetim atende a uma necessidade do capitalismo de mercado, quando contribui para promover a reprodução e confirmação dos processos sociais característicos da chamada sociedade “pós-moderna”: consciência fragmentada, sobreposição do saber fazer sobre o saber pensar (pragmatismo), do superficial, do insignificante, do passageiro, do consumismo desenfreado etc.

Nesse sentido, a educação escolar urge por práticas educativas que dependam do conhecimento desta nova realidade e dos novos e complexos processos sociais de formação, portanto torna-se necessário dar continuidade a este estudo, especialmente no campo educacional. Pois é através de uma educação para as mídias, que será possível aproveitar o grande potencial da mídia, no processo de construção do conhecimento e da realidade humana, especialmente da televisão que em muito tem participação no processo de socialização do conhecimento e das informações (alienantes ou não) da grande maioria da população brasileira nesse início do século XXI.

## **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

BACCEGA, Maria Aparecida. Recepção: nova perspectiva nos estudos de comunicação. In: **Revista Comunicação e Educação**. Ano IV, n. 12. São Paulo: Moderna/USP; maio/ago. de 1998.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, 78)

BRAGA, José Luiz, CALAZANS, Regina. **Comunicação e educação: questões delicadas na interface**. São Paulo: Hacker, 2001.

CHAUÍ, M. S. - **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão – a vida pelo vídeo**. São Paulo: Moderna, 1988. (Coleção Polêmica)

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Trad. bras. Carlos Nelson Coutinho. 6ª ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 4ª ed. – São Paulo: Paz e Terra, 1992.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1999.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Trad. Ronald Palito e Sérgio Alcides. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MARX, Karl. Prefácio à [crítica da economia política]. In: **Para a crítica da economia política; salário, preço e lucro**. (Os economistas), 1. ed., trad. Edgar Malagoldi et all. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

NETTO, José P.; CARVALHO, Maria C. Brant. **Cotidiano: conhecimento e crítica**. 5ª ed. – São Paulo: Cortez, 2000.

TEIXEIRA, Enaldo. **O local e o global – limites e desafios da participação cidadã**. São Paulo: Cortez; Recife: EQUIP; Salvador: UFBA, 2001.

<http://www.malhacao.globo.com.br> [acessado em julho de 2003]

<http://www.malhacaome.ig.hpg.com.br> [acessado em julho de 2003]